

# Saudação a Benedito Nunes

Amarílis Tupiassú

23 de novembro de 2009

Professor Edson Franco - Reitor da Universidade da Amazônia, Professor Benedito Nunes, demais Senhores Mantenedores desta instituição, Senhores Pró-reitores, Senhores membros do Conselho e dos colegiados universitários; Diretores de Centros e Coordenadores de cursos, Colegas Professores, Alunos, Funcionários desta Universidade e demais Senhores e Senhoras:

Início esta saudação com agradecimentos ao Reitor da Universidade da Amazônia, Professor Edson Franco, pela confiança, por crer-me habilitada ao cumprimento desta saudação. No momento de escrevê-la, hesitei, senti-me confusa, e percebi-me (sem nenhum laivo de falsa modéstia), aquém dos méritos possíveis necessários para realizá-la com, pelos menos, a mínima ou média profundidade que a dimensão mental de nosso homenageado exige.

É sempre difícil verbalizar a grandeza, a desmesura, os horizontes a perder de vista. Essa dificuldade aflorou quando comecei a retirar da prateleira e rebordejar a extensa produção de Benedito Nunes, para esquematizar estas palavras, que precisam ser breves, como o requer este momento concentrado em saudar um homem de mente viva, profusa e que se devota, irrestrita e serenamente, ao estudo, à escrita, ao desvendamento do acervo de reflexão, de indagação sobre o ser e sua existência, sobre a feiúra produzida pela razão que sabe fazer-se tão bela. Verter-se prazenteiro e interrogativo sobre essa matéria é o ofício ininterrupto de Benedito Nunes, desde que, ainda quase menino, recém-saído do então ginásial, cursado entre 1941 e 1948 no Colégio Moderno, como ele informa no discurso “Quase um plano de aula” proferido em 1998, quando a UFPA o agraciou com o título de Professor Emérito.

1948, 1998, e agora, 2009, este galardão, nota distintiva de alto valor mental, de constância em excitar as fontes, para, assim contemplado, prover sua própria monta de saber.

Reunimo-nos, então, para esta mais que justa homenagem, a concessão deste título, que compreendo como reiteração, confirmação de uma capacidade superior de pensar. Essa superioridade corre, difusa e informalmente, nos escritos lavrados pelo homenageado.

Especifico a obra escrita, de vez que o que se poderia imaginar, sonhar como uma obra oral grafada dilui-se nas esferas do nunca mais a cada término de aula, conferência, debate, sempre entremeados de intervenções momentâneas, tiradas repentinas, espelho de sua argúcia elucidativa as quais, infelizmente, nem sempre ficam gravadas. Nesse ponto, lembro Platão, para quem a escrita é parricida, porque tira de cena, ensombra os movimentos do autor vivaz, a fala cara a cara, fecha o palco de onde brotam todos os ângulos, rosto a rosto, de falante e ouvinte. Refiro-me às essas intervenções ocasionais da docência *in locu*, e o usufruto da audição em andamento, usufruto, aliás, que pode ser referendado pelas professoras Rosa Assis e Nelly Cecília Paiva Barreto da Rocha, aqui presentes, o Professor Benedito Nunes nos fazendo dar “trato à bola” como incipientes alunas da disciplina “Teoria do Conhecimento” ministrada por ele na UFPA.

Quanto à produção maturada na solidão à sua escrita tersa, elegante, claramente urdida, essa colheita se beneficia de valor excedente. Qualifica-se, enquanto saber e, ao mesmo tempo, desenha o perfil moral e o apuro do sábio, como bem o nomeia Lúcio Flávio Pinto, em “Um roteiro dos livros de um sábio paraense” (Edufpa e A Província do Pará, 1991). A obra escrita de Benedito Nunes é testemunho de qualidade, de vigor intelectual, o que me permite dizer que esta outorga é preito de reconhecimento, reafirmação de mérito, de notável saber, atestado de mente atilada, tanto que atua em muitas frentes de inquirir e concluir, e que, por isso, ressalta o estatuto do homem raro que exerce sua profissão em caráter exemplar. Benedito Nunes é modelo de sabedoria. E, no caso dele, convenhamos, modelo de rara reprodução, haja vista poucos como ele conseguirem se ajustar, de maneira tão resoluta e intransigente, nas exigências do estudo em exclusivo empenho, do ensino que deixa rastros agudos no discípulo que, assim marcado, segue e comanda seu próprio caminho, na escrita que atrai e excita, na discussão que desarma os ardis do falso, no debate que insufla e disseca o corpo do real para que dali aflore uma verdade mais cristalina. Não tenhamos dúvida, aos termos desta outorga se fundem as graças do reconhecimento de qualificada exemplaridade.

Algumas vezes é fácil dizer e provar. Tomo o levantamento de quase toda obra do Professor Benedito Nunes, um esforço paciente de Vitor Sales Pinheiro. Constato, a partir desse levantamento, que Benedito Nunes, “O andarilho do saber” só quer saber de saber. Nem sempre, depois da debulha, recolhe e empilha em tulhas reservadas sua afortunada colheita, isto é, não perde tempo em organizar o cultivado fruto de sua cultura de saber. Por isso, abro parênteses para louvar Célia Jacob e Vitor Sales Pinheiro, graças a quem hoje se pode ter acesso a quase tudo que o cérebro de Benedito Nunes concebeu e subscreveu. Ponho-me a contar os títulos de livros. Vinte e cinco, publicados e a publicar, a maioria, por casas editoras fora do Pará. Todos fundamentais, essenciais àquele que se deseje bem posto nos territórios do saber filosófico, literário, das artes

em acepção *lato sensu*, sedimentado esse campo de extensão universal, sem que nosso homenageado descure da fortuna e do infortúnio desta região amazônica ainda coberta de densas nuvens tão turvas. Até onde me dispus a contar, aninhados nos escaninhos dos livros, abrigam-se cento e setenta e três estudos de têmpera irrepreensível. Seguindo o levantamento de Vitor Pinheiro, há mais, muito mais, os livros organizados por Benedito, as colaborações suas em livros nacionais, as principais, só as principais colaborações em livros estrangeiros, e Benedito ainda encontra tempo para o labor, o labor da difícil arte da tradução. As pessoas aqui presentes e todos os que cruzam os sítios de contemplação da obra do Professor Benedito Nunes poderão obter melhor campo de visão à obra, quando vier a público o próximo número da Revista *Asas da Palavra*, dedicado a ele, a publicação concebida e concretizada pelo curso de Letras da Universidade da Amazônia. Docentes amazônidas e de várias universidades brasileiras participam dessa publicação com ensaios sobre as ideias e pensamento de o nosso Benedito.

Admirável a sua dedicação ao conhecimento. Admirável sua obra votada ao ato de pensar e de produzir beleza, o filósofo desdobrando-se desde eras remotas sempre perscrutando e inquirindo. Ele é irrequieto. Cola o ouvido no tempo e ausculta as palpitações vivas de Homero, por exemplo. E já desfibra as vozes da filosofia em suas nascentes e crescentes. Segue a outros rumos. Apodera-se e exulta-se com a palavra de Clarice Lispector, passa tomado de encanto por Drummond, vigia com ardor a heteronímia pessoana, passa olhos penetrantes pelas veredas rosianas, e, quando se vê, fica longas jornadas abismado com a agudez ideativa de Heidegger, Nietzsche; vira-se a outros quadrantes do mundo e logo filtra o tempo e o ser em seu infrene crivo de papel. Vendo bem, decanta, celebra, enlaça saberes aparentemente estanques. Não sossega daqui para ali e detém-se nas chuvaradas dos campos, que também podem ser muito famintos e secos de Cachoeira, no Marajó de que ele também cogita, o arquipélago do Marajó volvido à Belém das acepções dalcidianas. Daí retorna às dicções poéticas de Ruy, Haroldo, Max, Plínio, Chico Mendes, amadores e promotores do belo e também seus camaradas reais em bastas cogitações estético-filosóficas. Admirável como move sua oficina de fundição de saberes, os quais se tocam e se entranham enlaçados, de tal forma que Filosofia, crítica estética e um vário lastro de conhecimento conformam o edifício de seu cuidado especulativo.

Para finalizar, recordo um quadro terno. Estamos em volta de uma mesa na Editora da UFPA, Benedito Nunes, Vitor Pinheiro e a editora Laís Zumero. Falamos de um seu livro, ainda sem título, a editar (agora no prelo). É “Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará”. Eu tinha comigo, como amostra de grande beleza editorial, dois volumes de livro de literatura e arte de uso colegial na França, compêndios de Liceu. E Benedito Nunes bate com os olhos nos volumes. Pronto. Desabrocha ali um Benedito infante, alumbrado, alegria estampada, sorridente, virando página a página, o brilho do olhar só cintilações. Ele parece sorver a primorosa iconografia, comenta, passa de leve as mãos nas folhas para sentir a textura do papel, sorri embevecido, distraído, esquecido dos propósitos do encontro. Foi rápido na montagem de uma como que cercadura invisível onde se instalou para saborear a descoberta. Decidiu

emergir do encanto. Era preciso, deu-conta. Fechou os volumes, mas pôs-se em guarda, o achado sob as mãos do menino. À saída, já de pé, carregava os volumes. Benedito Nunes tem sua carga de recuo, de timidez. Mas não se conteve: “De quem são estes livros?” “- Meus, Bené”, respondi. “- Me empresta?” E lá se foi ele ledó e fagueiro com a conquista.

É esse fascínio, esse embevecimento, essa capacidade de se maravilhar que invade e se imprime naturalmente na carne e nos poros de sua escrita. Nela, nada é banal. Só profundidade. Muito justa a efusão desta outorga, confirmação de mérito e de uma rara, muito rara envergadura e agudeza mental.